



## OS 100 DIAS DO PRESIDENTE E O TOM MESSIÂNICO DE SEUS DISCURSOS

**Sérgio Dayrell Porto<sup>1</sup>**

IESB - Instituto de Educação Superior de Brasília

UnB – Universidade de Brasília

**RESUMO:** Os discursos falam pelos seus ditos, suas lembranças, esquecimentos e seus deslocamentos retóricos. Falam pela boca de sua memória arqueológica, histórica e enunciativa. Os discursos falam pelos seus esquecimentos, por aquilo que não foi mencionado; mas o esquecido e o não-dito têm força pragmática e dizível. Deixando de lado refrões, estribilhos, e ênfases - além dos compromissos ideológicos de sua formação discursiva -, que podem ser excessos de memória, e deixando de lado uma série de lacunas propositais e ainda as fraturas de puro esquecimento, que seriam excessos de esquecimento, busca-se uma justa medida que possa servir de equilíbrio de sentidos de um discurso que se lembra de coisas e se esquece de outras. Os discursos do presidente Lula – de tom messiânico – não seriam diferentes, na medida em que as exigências das mudanças neles propostas, teriam ido além das expectativas de seus 52 milhões de eleitores.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Presidente Lula, Discurso messiânico, Lembranças, Esquecimentos e deslocamentos do sujeito político.

---

<sup>1</sup> Ph.D e pós-doutor em Comunicação pela McGill University, Montreal, Canadá. Estágio sênior no CNRS – Centre Nationale de la Recherche Scientifique – Paris – França. Coordenador do curso de Comunicação Social do IESB - Instituto de Educação Superior de Brasília. Pesquisador-associado sênior da Faculdade de Comunicação – Programa de pós-graduação – UnB – Universidade de Brasília. Integrado à linha de pesquisa JORNALISMO e SOCIEDADE. Ex-presidente da COMPÓS

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Políticas e Economia da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

*“ Meus amigos e minhas amigas,  
Há pouco mais de três meses tomei posse como presidente da República e, apesar de muito pouco tempo, acredito que você já começa a sentir que, hoje, o Brasil tem um governo diferente... Ao longo do meu governo, quero de quando em quando conversar com vocês diretamente, como faço nesse momento. Quero que vocês saibam exatamente o que pensa o seu presidente em cada momento importante da vida nacional”.*

*“ E eu, estou muito otimista com o futuro de nosso país. O mundo inteiro acha que estamos no caminho certo, portanto, só tenho uma coisa a pedir: continue confiando no seu presidente, e o mais importante, continue confiando no seu país. Vem de vocês a energia de que precisamos. Ela que me dá força e coragem para mudar o Brasil”<sup>2</sup>.*

Este trabalho procura ver as razões pelas quais o presidente Lula produz discursos messiânicos, tentando com isso se vincular mítica e misticamente com os seus eleitores, hoje transformados em seu povo, seus governados, seus fiéis seguidores, e que têm recebido o tratamento íntimo de “ amigos”, “amigas” “ vocês”, “ você” , assim como o tom mais respeitoso de “senhores”e “ senhoras “. O presidente também se utiliza de técnicas e estratégias dos discursos mobilizadores, e por que não, em determinadas situações, procedimentos autoritários, como aliás é uma tendência do discurso religioso. Para quem prega a necessidade de um remédio amargo agora no início de seu governo, em busca de uma felicidade futura, de um Brasil melhor para todos, na perspectiva de um sacrifício inicial que é matriz de todas as exortações religiosas, chega um determinado momento que é preciso afagar as suas sacrificadas ovelhas.

No discurso de posse, em 1º de janeiro, Lula lançou as bases e as condições das mudanças que iria promover, todas elas exigindo sacrifícios da população. Agora, nos 100 dias de seu governo, já passados 3 meses de travessia, Lula sente a necessidade de tornar-se mais íntimo de seu povo. Uma estratégia inicial é assim corrigida e reparada pela medida seguinte. Em linguagem popular, seria o mesmo que dizer: primeiro se bate e depois se afaga... Lula pratica um deslocamento sutil e útil em suas palavras: ao invés de querer sempre passar energia para seu povo, algo inerente à sua condição própria de líder, ele diz,

---

<sup>2</sup> 1º e último parágrafos do discurso do presidente Lula, pronunciado em 7 de abril de 2003, comemorando os 100 dias de seu governo. Extraído da internet: <http://noticias.terra.com.br/brasil/internacional> - p. 1



inversamente, que a energia que o mobiliza vem de seu próprio povo. Não seriam contradições presentes nas atitudes e nos discursos de Lula, seriam preferencialmente estratégias de correção de rota. Quando ele afirma no discurso dos 100 dias que “*vem de vocês a energia de que precisamos. Ela que me dá força para mudar o Brasil*”, ele pode estar sendo sincero, mas muito mais, ele age através de um deslocamento discursivo, de uma retórica permitida.

Por isso ousamos apresentar estas idéias ao núcleo de pesquisa: POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÕES, do XXVI Congresso da INTERCOM, a realizar-se na PUC Minas Gerais, em setembro de 2003. O discurso político já é em si uma estratégia de comunicação, e as lembranças e os deslocamentos da linguagem são outras estratégias de maior impacto sobre o público que se quer atingir. Enfatizando o que ora comentamos, em 7 de abril Lula dizia:

“O mundo voltou a acreditar no Brasil. Foi um remédio amargo, eu sei que foi. Mas para mudar o país de verdade, muitas vezes o remédio amargo é a única alternativa. Agora, é seguir em frente, com cuidado, sem otimismo exagerado, com os pés no chão, mas com a certeza de que dias melhores virão”<sup>3</sup>

A idéia central que conduz os espaços teóricos e pragmáticos deste trabalho é a questão do sujeito, ou melhor ainda, dos sujeitos, presença obrigatória em qualquer tipo de discurso, e mais precisamente envolvendo o sujeito político, na medida em que suas lembranças, esquecimentos e gestos de retórica marcam um tipo de atuação bem própria da política, sem que com isso perca a sua própria integridade como sujeito. Se, por exemplo, ele se esquece das coisas, se age de forma alienada, se se apóia mais na ação de outros sujeitos, fugindo do centro de si mesmo, se metaforiza ou desloca as suas falas, poderia estar afastando-se de seu ponto de equilíbrio. No entanto, essas fugas imprevistas e até as propositalmente, podem ser compensadas por momentos de intensa lucidez de sua própria ação, encontrando aí um equilíbrio desejável, que vai fazer com que continue a ser sujeito de seus próprios atos, por mais que alguns teóricos falem em sujeito iludido, como o psicólogo social

---

<sup>3</sup> discurso dos 100 dias do governo Lula. Idem anterior. Fim do 3º parágrafo

Em 3 de maio, na Expozebu de Uberaba, Minas Gerais, Lula em um longo discurso, por sinal bem próximo ao improviso – pelo tom intimista e bem humorado – e por estar diante de empresários do gado e da terra, exagera o seu tom de otimismo. Foi a forma discursiva que encontrou para dialogar com uma gente que sempre esteve em lado político oposto ao seu. Ele diz: “ Eu acho que o nosso país pode, deve e vai andar de cabeça erguida, vai brigar na Organização Mundial de Comércio para



francês, Michel Pêcheux. O sujeito político, sempre no palanque, na tribuna, dando declarações, está sendo posto à prova a cada momento. Os seus deslocamentos lingüísticos podem assim ser considerados atos de auto-defesa, e não simplesmente atos contraditórios.

Cabe aqui uma explicação a mais a respeito das mutações e transformações de um mesmo sujeito político em sujeitos possivelmente diferentes, e descobrir onde se encontram os sujeitos históricos, diferentes dos sujeitos de imitação ou de mera representação mercadológica. Por exemplo, no caso do presidente Lula, com quantos Lulas nos deparamos, e qual seria o Lula histórico, que certamente seria o mais verdadeiro? Ao que tudo indica, o Lula messiânico parece ser o Lula histórico, e o Lula que, por exemplo, se dirige aos empresários, parece ser mais um sujeito de mera representação. Se o comparamos a Fernando Henrique Cardoso, a situação já se coloca bem diferente, na medida em que FHC jamais tentou relembrar seu passado de esquerda, a não ser em raríssimas ocasiões, como por exemplo, no jubileu de ouro de Dom Paulo Evaristo Ars, hoje cardeal resignado de São Paulo. O corte com a sua própria história e arqueologia política foi promovido pelo próprio ex-presidente. Já o atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva parece conservar suas origens de homem simples e religioso, ligado a Frei Betto e à CNBB. O Lula estranho no ninho se dá, por exemplo, numa feira de gado zebu em Uberaba.

Sintática e tecnicamente diria que naquela justa medida, naquele mesmo espaço – in absentia - em que o sujeito se esquece de alguma coisa em sua cadeia paradigmática – se esquece de nomes, conceitos, valores – surge a oportunidade ímpar de se lembrar de outras. Ambas as manifestações se dão concomitantemente, o eixo de seleção da linguagem se completa então pelo eixo da montagem sintagmática<sup>4</sup>, podendo, evidentemente, acontecer os tais brancos de memória, em que permanece, por alguns instantes, sem se lembrar de nada e também sem nada falar. As afasias surgem, características de alguém que sabe falar, mas que perdeu por instantes ou em determinadas oportunidades, a capacidade de se manifestar. Lembranças e afasias seguidas de deslocamentos de linguagem são figuras clássicas de metonímia, de justaposição. A metonímia antecede o conceito contemporâneo de linguagem digital, dando um tom quantitativo espacial à manifestação discursiva. Por esse tropo, o

---

que a relação comercial entre Brasil e União Européia, entre o Brasil e os Estados Unidos, seja, efetivamente, igualitária... eles sabem que nenhum país do mundo tem condições de competir com o nosso.”

<sup>4</sup> Ler Roman Jakobson – “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” in *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1974. Original francês 1956. Páginas 34 a 63.



discurso é capaz de pular montanhas, de viver ou reviver situações distintas e distantes, evidenciando que a nossa memória é capaz de se dimensionar em pequenos e grandes espaços. A metonímia dá um senso de espacialidade e de economia à linguagem, exigindo dos leitores e receptores das mensagens uma sagacidade espacial interpretativa digna de grandes vôos. E o presidente Lula produz os seus deslocamentos lingüísticos, as suas metonímias de ordem retórica:

“ Com as viagens internacionais que fiz, mostrei ao mundo que tínhamos um projeto de governo sério e responsável... Sobretudo, mostrei que o Brasil é o país do carnaval e do futebol, sim, e com muito orgulho, mas que somos também o país da indústria, da agricultura, do comércio, e do turismo. Enfim, um país imenso, com grande potencial de crescimento. E o mais importante: com um povo sério e trabalhador”<sup>5</sup>.

A metonímia<sup>6</sup> aqui é utilizada pelo presidente Lula nos adendos, nos acrescentamentos argumentativos. Somos o país disso, daquilo e daquilo outro, mas, sobretudo, somos o país do carnaval e do futebol, sim, com muito orgulho, e mais ainda, temos um povo sério e trabalhador. Esses acrescentamentos, esses crescendos enunciativos e argumentativos, sempre antecedidos por advérbios<sup>7</sup>, de modo e ou de quantidade: *sobretudo, sim, mas(conjunção), também, enfim, e o mais importante*, revelam uma linguagem em que o sujeito se disfarça no dito popular, no lugar comum, e que, verdadeiramente, o sujeito real, o presidente Lula não quer se comprometer, como se ele não acreditasse que o mais importante é essa gente trabalhadora e séria. E, nessas circunstâncias, muito antes de pensarmos em limitação, fragilidades ou em ilusão dos sujeitos, poderíamos pensar em competência e sagacidade discursiva.

Na análise que ora fazemos, surge uma primeira demonstração das lembranças, esquecimentos, fugas e deslocamentos do sujeito político Luiz Inácio Lula da Silva, o então presidente Lula, em seu discurso de posse em janeiro de 2003, em seu discurso dos 100 dias

---

<sup>5</sup> Discurso dos 100 dias – opus cit. 3º parágrafo

<sup>6</sup> O que é metonímia? “Esta figura retórica designa o fenômeno lingüístico segundo o qual uma dada unidade frasal é substituída por outra unidade que a ela está ligada, numa relação de continente e de conteúdo, de causa e efeito, de parte e do todo etc. É o resultado de um procedimento de substituição pelo qual substitui um dado sema por um outro, pertencentes ambos ao mesmo semema. Claude Lévi-Strauss não pode deixar de assinalar que, no pensamento mítico, toda metáfora acaba em metonímia, e que toda metonímia é de natureza metafórica. Nessas duas figuras de retórica, se produz, com efeito, um fenômeno de substituição sobre um fundo de equivalência. ( confira Dicionário de Semiótica de Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés. São Paulo, Cultrix, 1989, pp. 279-280. Original francês: Hachette, 1979.

em abril de 2003, e em seu discurso na festa de Uberaba, a Expozebu, em maio de 2003. Nota-se que em 1º de janeiro de 2003 o presidente se esquece, pelo menos aparentemente, que faz uma exortação religiosa, tentando envolver o povo brasileiro, tomado como suas ovelhas a assumir a sua condição de operários construtores de um novo tempo e portadores de uma boa nova. Em seguida, em 7 de abril de 2003, tentando diminuir o impacto provocado pelo remédio amargo, Lula tenta estar mais próximo e íntimo de seu povo, chamando-o de amigo. E, em 3 de maio de 2003, diante de empresários do agrobusiness, gente com a qual nunca se afinou, o presidente apela para o excesso de otimismo, o riso fácil e o jogo das intimidades com gente importante do mundo dos negócios. Fala em tom coloquial com amigos e políticos que, na verdade, não são seus amigos e com políticos não tão próximos assim de sua idéias. É um Lula bastante diferente, longe de suas bases. Em janeiro Lula é pastor, em abril ele é pai e amigo, em maio é empresário, presidente moderno, jogando o jogo dos negócios. Nos dois primeiros momentos é mais o Lula arqueológico e histórico, no último é um Lula “empresariado”... Qual dos 3 é o Lula, Luiz Inácio Lula da Silva, em quem votamos? Certamente que os 3, mas servindo a formações discursivas diferentes<sup>8</sup>.

### **Mudança como palavra chave, e a esperança que finalmente venceu o medo**

“(...) Senhoras e senhores presentes a este ato de posse. “ Mudança”: esta é a palavra- chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança finalmente venceu o medo, e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos (...)”<sup>9</sup>.

Ao identificar, logo no início de seu discurso inaugural, a palavra “mudança” e designá-la expressamente no texto como “palavra-chave”, o autor, revelando conhecer as técnicas próprias da “análise de conteúdo”<sup>10</sup>, procura revelar a força radiográfica desta idéia –

---

<sup>7</sup> O que é advérbio? “ Palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou um outro advérbio, exprimindo circunstância de tempo, lugar, modo, dúvida etc. ( extraído do dicionário Aurélio, página 51, Editora Nova Fronteira.

<sup>8</sup> O que é Formação Discursiva? ” Se define como aquilo que numa formação ideológica dada ( isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio- histórica dada ) determina o que pode e o que deve ser dito” in Discurso e Leitura de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, Editora da Unicamp e Cortez Editora, 1988, p.56.

<sup>9</sup> Início do discurso de posse do presidente Lula, opus cit

<sup>10</sup> O que é análise de conteúdo? “ Palavras e frases são artefatos humanos importantes. Como produtos da experiência social, servem como veículos cotidianos para muito pensamento e comunicação.; o que as pessoas dizem e escrevem constitui uma forma básica de evidência sobre processos individuais e sociais” in “ A análise de conteúdo da mensagem” de Philip J. Stone in Comunicação e Indústria Cultural, org. por Gabriel Cohn. São Paulo. T.A Queiroz, Editor, 1987, p.315.

a idéia de mudança –, explicitada no primeiro parágrafo do mesmo discurso: “(...) A sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos”.

O presidente Lula fundamenta as razões de seu discurso na afirmação de que a “mudança” foi um desejo expresso dos 52 milhões de brasileiros que nele votaram. No que toca a nós leitores e analistas, somos obrigados a reconhecer que mudanças são essas, por dever de ofício, superando as superfícies dos conteúdos discursivos, por mais que eles sejam expressos e desejados. Eni Orlandi explica esse dever de ofício para o analista de discurso<sup>11</sup>, diferente do que faria o analista de conteúdo.

“Gostaria aqui apenas de chamar a atenção para o fato de que a relação entre eles (autor e leitor, sujeitos e sentidos) nega a possibilidade de pensar-se: a – um autor onipotente, cujas intenções controlassem todo percurso da significação do texto; b – a transparência do texto, que diria por si toda (e apenas uma) significação, e, ainda – c – um leitor onisciente, cuja capacidade de compreensão dominasse as múltiplas determinações de sentidos que jogam em um processo de leitura.”<sup>12</sup>

O orador quer identificar propostas claras do sentido próprio de seu discurso. A função radiográfica da análise de conteúdo visa a significações expressas e ditas claramente nos textos. A radiografia vasa verticalmente o texto, o conteúdo é manifesto, daí a expressão “análise de conteúdo”. Em princípio, não haveria o que duvidar do que é dito às claras para aqueles que acreditam no que é dito nas superfícies textuais. O presidente, acreditando também na estratégia da fala direta em conteúdos visíveis, diz em seguida:

“(...) Diante do impasse econômico, social e moral no País, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária.”<sup>13</sup>

“Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José de Alencar.”<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> O que é Análise de Discurso? – “a análise de discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar leitor a níveis opacos, à ação estratégica de um sujeito. O desafio crucial é o de construir interpretações” – Michel Pêcheux in Dominique Maingueneau – Novas Tendências da Análise do Discurso. Campinas, Editora da Unicamp e Pontes. 1989, p.11.

<sup>12</sup> Orlandi, Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura. Opus cit. Pp.10/11.

<sup>13</sup> final do 2º parágrafo do discurso de posse.

<sup>14</sup> início do 3º parágrafo do mesmo discurso de posse.

Aqui vale mais a pena analisar este insólito “bravo companheiro”, um escorregão do discurso, uma fratura explícita e exposta, onde a análise de conteúdo perde a sua força explicativa. Há uma lacuna evidente, um não-dito visível, um excesso de memória provocado por um excesso de esquecimento, na medida em que todos nós sabemos, eleitores ou não de Lula, que José de Alencar Gomes da Silva, eleito vice-presidente da República, representando o PL (Partido Liberal) de Minas Gerais, não é bravo e tampouco companheiro, pois tem pouquíssimas afinidades com o PT de Lula. Alencar não é bravo, é força de coligação, dentro de um Estado eleitoralmente forte, que é Minas Gerais. Alencar é o Itamar do ex-presidente Fernando Collor. O presidente Lula gostaria aí de tapar o sol com a peneira, provocar pragmaticamente novos esquecimentos, ligados à origem política e empresarial de Alencar. Essa falta de sintonia com Alencar estaria reproduzida no discurso de Uberaba, quando Lula mostra suas dificuldades de relacionamento com os empresários, por mais que sua fala parecesse solta e descontraída. A propósito, ele diz:

“ Eu quero dizer aos empresários da agropecuária brasileira, à direção da ABCZ, que comecei o meu governo dizendo que nós vamos fazer o necessário, depois vamos fazer o que é possível, e, quando menos se imaginar, estaremos fazendo o impossível... eu acredito na capacidade dos empresários brasileiros, eu acredito na capacidade dos agricultores brasileiros e, agora, o que nós precisamos, de verdade, é acreditar na capacidade dos governantes de nosso país”<sup>15</sup>.

Paul Ricoeur diz que os gregos distinguiam as palavras *mneme* e *anamnesis*. A primeira é de caráter cognitivo e a segunda, de caráter pragmático. A primeira acontece, a gente se lembra de algo, como se fosse mesmo uma patologia; a segunda é intencional, é uma prática em busca de determinados fins: eu me lembro para produzir tais efeitos na minha ação. Ora, esse segundo caso dá margem a uma série de abusos na lembrança, e há visivelmente uma falta em relação à verdade. “Eu me lembro” é bem diferente de “eu quero me lembrar para provocar tais efeitos”. Vejamos o extrato de Ricoeur, com tradução feita pelo autor dessas linhas:

“ Este desdobramento do enfoque cognitivo e do enfoque pragmático tem uma incidência maior sobre a pretensão da memória à fidelidade em relação ao passado: esta pretensão define o estatuto verdadeiro da memória, que será necessário mais tarde confrontá-lo com aquele da história. Esperando a interferência da pragmática da memória, em

---

<sup>15</sup> discurso de 3/5/2003 – Uberaba – Minas Gerais – Expozebu ( o discurso dos 120 dias de governo)



virtude da qual lembrar-se é fazer alguma coisa, exerce um efeito de ruído sobre toda a problemática da verdade: possibilidades de abuso se infiltram inelutavelmente sobre os recursos de uso da memória apreendida sob o seu eixo pragmático.”<sup>16</sup>

O presidente Lula diz em seguida à referência ao vice-Alencar, nessa perspectiva pragmática, em que manipula determinadas declarações, que podem ser verdadeiras e ou falsas:

“ E eu estou aqui, neste dia sonhado por tantas gerações de lutadores que vieram antes de nós, para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais , para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu País o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou a hora de transformar o Brasil naquela nação com a qual a gente sempre sonhou “<sup>17</sup>.

Ora, no discurso de Uberaba, Lula se lembra também do ex-presidente Juscelino. Somente porque estava em Minas Gerais e porque estava diante de empresários, como o próprio Alencar, Lula seria um manipulador da linguagem? E essa força argumentativa pragmática do discurso de Lula aparece mais uma vez em seu discurso de posse, quando ele diz:

“Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia, mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado (...). Mudança por meio do diálogo e da negociação<sup>18</sup>.”

E os analistas de conteúdo poderiam contar cinco vezes a citação da palavra mudar e/ou mudança, num pequeno espaço de cinco linhas.

### **Num discurso mítico/religioso - transformar o país com paciência e perseverança**

“O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um

---

<sup>16</sup> RICOEUR, Paul. La mémoire, l'histoire, l'oubli. Paris, Seuil, 2000

<sup>17</sup> discurso de posse – final do 3º parágrafo. O entre parênteses é nosso comentário

<sup>18</sup> início do 4º parágrafo do discurso de posse

planejamento de fato estratégico. Se queremos transformá-lo, a fim de vivermos em uma Nação em que todos possam andar com a cabeça erguida, teremos que exercer quotidianamente duas virtudes: a paciência e a perseverança.”<sup>19</sup>

“É por isso que hoje conclamo : vamos acabar com a fome em nosso país.”<sup>20</sup>

Lembrando-nos da proposta das seis leituras interpretativas de Sérgio Dayrell Porto: “Enfim, as seis leituras: 1<sup>a</sup>. leitura: polissêmica/literária; 2<sup>a</sup>. leitura: parafrástica/científica; 3<sup>a</sup>. leitura: arqueológica; 4<sup>a</sup>. leitura: enunciativa; 5<sup>a</sup>. leitura: argumentativa e 6<sup>a</sup>. leitura: de acontecimento”<sup>21</sup>, o texto de Lula traz dimensões arqueológicas, apelando para a grandeza e a magnitude do país – “O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade (...)”. Traz também dimensões argumentativas, utilizando-se de argumentos míticos, próprios da saga, da aventura, da grande conquista, na qual os caminhos se colocam dentro de uma dicotomia entre o bem e o mal. Os caminhos do mal são deixar o Brasil à deriva, sem planejamento, ao sabor dos ventos. O caminho do bem é viver de cabeça erguida, dando ao país em que se implanta um verdadeiro projeto de desenvolvimento, praticando religiosamente as virtudes da paciência e da perseverança, como se fosse a nova versão do positivismo de antes: ordem e progresso.

O discurso de Lula, de tons e matizes religiosos, propõe a prática da virtude e do bem, do controle sobre as vontades, seguindo o caminho da perseverança. Ora, tudo isso, em suas dimensões arqueológica e argumentativa, é proposto pelo presidente por meio do apelo à transformação do país, o apelo à mudança – já . Lula quer conduzir o povo brasileiro, os que o elegeram e também aqueles que não o elegeram, pois é presidente de todos, dentro de um acontecimento da mudança e da transformação, na medida do engajamento das vontades de cada um. Esse novo acontecimento de mudar e transformar o país com a participação de todos, essa forma religiosa e mítica de mudar uma nação, dão a idéia de que Lula quer mudar, o PT quer mudar para se firmar politicamente no governo, e que o povo entra nessa como os fiéis de uma igreja, como as ovelhas de um pastor, e alguns outros, quase como Pilatos no Credo.

---

<sup>19</sup> 5º parágrafo do discurso de posse.

<sup>20</sup> 2º parágrafo do discurso de posse.

<sup>21</sup> PORTO, Sérgio Dayrell. “ Análise de Discurso – Um Pouco de Intimidade” in Sexo, Afeto e Era Tecnológica. Brasília, Editora UnB, 1999.

O discurso de Lula passa a idéia de que há um vazio, uma lacuna, uma descrença de que somos perseverantes e pacientes. Passa a idéia de que somos indolentes e que a menor mudança tem que ser conduzida pelo braço forte do governo. Passa a idéia de que somos um gigante adormecido! O discurso de Lula traz essa marca de um novo acontecimento, de um não-dito, de que haverá uma exigência constante do governo em cima do povo brasileiro, na medida em que devemos mudar nem que seja à força, na medida em que somos considerados inertes e acostumados como barcas à deriva, e que afinal, somos um povo cordial. Lula adquire um tom autoritário a exigir mudanças, o PT encontra aí o seu lado ainda pouco esquecido, o das mudanças impostas pelas esquerdas, as transformações exigidas pela militância partidária.

Ele propõe em seguida, com áurea do Sermão da Montanha, uma longa caminhada, que pragmaticamente começa pelos primeiros passos:

“Teremos que manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo (...). Mas começaremos a mudar já, pois, como diz a sabedoria popular, uma longa caminhada começa pelos primeiros passos.”<sup>22</sup>

Assumindo a terminologia de Maria Emília Amarante Torres Lima<sup>23</sup>, o fio de montagem e principal condutor das idéias contidas no discurso de Lula, ou a malha nodal com que é tecido o texto de Lula presidente, reporta-se à sua formação religiosa e à sua origem operária. Aliás, isso seria mais ou menos o óbvio. Diferente do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Lula não deixa seu passado como malha esquecida. Já a malha acrescida ao texto do presidente Lula é expressa nos discursos que faz para o empresariado, com quem tem pouquíssimas afinidades. E aí, não se trata de um fingimento do sujeito, é muito mais uma forma discursiva, permitida, de se praticar figuras de linguagem, e que não levam o autor a atos não sinceros. Trata-se da prática da linguagem como um exercício de trabalho contextual e histórico.

---

<sup>22</sup> discurso de posse – 6º parágrafo

<sup>23</sup> Podemos dizer também que este discurso traz “malhas” que serão tecidas na primeira época do governo Vargas; outras “malhas” serão colocadas em um fio de espera. Outras “malhas” serão provisoriamente largadas,,” Página 117 de A Construção Discursiva do Povo Brasileiro, de Maria Emília Amarante Torres Lima. Campinas, Editora Unicamp, 1990.



## **Bibliografia**

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. São Paulo e Campinas: Cortez Editora e Editora da Unicamp, 1988.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As Formas do Silêncio*. Campinas:, Editora da Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org) *Gestos de Leitura- Da história no discurso*. Campinas, Editora Unicamp, 1994.

PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *Sexo, Afeto e Era Tecnológica*. Brasília: Editora da UnB, 1999.

PORTO, Sérgio Dayrell (org.) *A Incompreensão das Diferenças: 11 de setembro em Nova York*. Brasília, Edições IESB e CNPq. 2002

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso. Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990. Tradução de Eni Oulcinelli Orlandi.

RICOEUR, Paul. *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*. Paris: Seuil, 2000.

SOUZA, Pedro de. *O esquecimento como condição da memória: a identidade em ato de desabamento no ato de dizer*. In INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo (org.). *Discurso, Memória de Identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

JAKOBSON, Roman. “ Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” in *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1974, pp.34-63.

TORRES LIMA, Maria Emília Amarante. *A Construção Discursiva do Povo Brasileiro – Os discursos de 1º de maio de Getúlio Vargas*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990